



Artigo recebido em: 19/02/2014

Artigo aceito em: 20/03/2014

O QUARTO EVANGELHO E SUAS FONTES PRIMÁRIAS

Lair Amaro dos Santos Faria

PPGHC/IH/UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/8136626937111109>

Resumo: O evangelho de João apresenta diferenças marcantes em relação aos evangelhos sinóticos. Tais diferenças levam os acadêmicos a investigar que tipo de relação ele teria com os outros evangelhos e quando analisado detidamente surgem indícios de que seu autor utilizou diferentes fontes em sua composição.

Palavras-chaves: Evangelhos, crítica das fontes, dependência literária

Abstract: The Gospel of John presents striking differences relating to synoptic gospels. Such differences have lead scholars to investigate what kind of relationship he had with the other gospels and when closely examined evidence arise that the author used different fonts in their composition.

Keywords: Gospels, font criticism, literary dependence

Não há nada que melhor indique o estado incerto de nosso conhecimento sobre as origens dos livros do Novo Testamento do que a questão sobre a relação entre o Evangelho de João e os Sinóticos.

D. Moody Smith, Jr. - "*John 12 12ff. and the question of John's use of the Synoptics*"

Bultmann defende uma teoria de três fontes: o evangelista teria disposto de uma fonte de sinais, uma fonte dos discursos de revelação, bem como de uma tradição que reunia as narrativas da paixão e da páscoa. Na pesquisa recente, esse modelo vem perdendo cada vez mais sua plausibilidade, porque nenhum desses "escritos-fonte" realmente pode ser comprovado e porque se torna cada vez mais claro que serviram de fonte para João sobretudo o Antigo Testamento, os evangelhos de Marcos e Lucas, bem como numerosas tradições da escola joanina.

Udo Schnelle - "*Introdução à Exegese do Novo Testamento*"

I. As duas epígrafes apontam as incertezas que assolam o campo de pesquisas do Novo Testamento, em geral, e os estudos joaninos, em particular. Embora possa parecer que Schnelle tenha a resposta para a questão levantada por Moody Smith, tal conclusão é completamente equivocada. As várias décadas de pesquisa e as muitas metodologias desenvolvidas pelos mais renomados biblistas não ensejaram – ainda – um amplo consenso sobre: (1) as fontes utilizadas pelo autor do Quarto Evangelho e (2) o tipo de relação literária entre esse e os Sinóticos.

À medida que recorrer a fontes escritas era uma maneira disseminada de produzir textos, nada impede que se tome como um fato que esse procedimento determinou consideravelmente o conteúdo e a forma dos Evangelhos. Vários estudiosos têm procurado demonstrar a possível existência de pequenas coletâneas de citações do Antigo Testamento que teriam sido coligidas por escribas e eram empregadas por missionários cristãos em suas peregrinações como apoio para a apologia da fé em Jesus como o Cristo. Como sustenta Harry Gamble (1995, p. 23), há várias indicações de que muitos textos especificamente cristãos existiam antes da composição dos evangelhos mais antigos que temos nos dias atuais.

Ademais, o chamado *Problema Sinótico*, isto é, a relação literária descoberta entre os evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas e que levou à conclusão que Marcos é o primeiro evangelho entre os três e que tem como corolário a hipótese Q, constitui a evidência mais cabal de que os primeiros autores cristãos recorriam e consultavam textos pré-existentes.

Convém enfatizar que a análise da relação literária entre João e os Sinóticos e daquele com suas possíveis fontes primárias já está entrando em uma nova fase

como uma consequência inevitável das descobertas da Biblioteca de Nag Hammadi e dos Manuscritos do Mar Morto.

II. A busca pelas fontes do Quarto Evangelho tem uma longa história, porém, no que tange à erudição moderna, as questões mais acentuadamente delineadas sobre o assunto devem ser creditadas a Rudolf Bultmann que, por meio do método de análise chamado crítica das fontes, descobriu que o Evangelho de João foi composto a partir de uma fonte da Paixão, uma fonte de milagres (ou sinais), uma fonte de discursos gnósticos (não-cristãos)¹ e outras fontes e tradições menores.

Dentre essas descobertas de Bultmann, a hipótese de que João usou uma fonte de discursos gnósticos para sua composição foi a que recebeu as mais intensas críticas ao pressupor um debate com comunidades gnósticas e suscitar a noção de que os discursos joaninos teriam sido formulados no contexto desse debate.

Fonte ou Livro dos Sinais. A respeito da possível existência de uma coletânea escrita com histórias de milagres, os pesquisadores costumam listar como indícios:

(a) o grau de unidade e distinção estilísticas quando se observam as narrativas de milagres do Quarto Evangelho;

(b) o fato de o Evangelho enumerar os sinais realizados por Jesus em 2:11 ("Este início de sinais, Jesus o fez em Caná da Galileia") e 4:54 ("Foi este o segundo sinal que Jesus realizou");

(c) a impropriedade de Jo 12:37-38 ("Apesar de ter realizado tantos sinais diante deles, não creram nele, a fim de se cumprir a palavra dita pelo profeta Isaías...") como um sumário do ministério público de Jesus uma vez que apenas sinais são mencionados e, por conseguinte, sendo um final mais apropriado para um Livro de Sinais;

(d) a descoberta, posterior ao trabalho de Bultmann, de evidências sugestivas de que Marcos incorporou em seu evangelho coleções escritas de histórias de milagres;

(e) a análise, pelo método da crítica da redação, dos complexos de milagres em João ensejou isolar histórias de milagres mais simples de tipos semelhantes que parecem, em muitos casos, ter sido a base para o desenvolvimento de discursos e diálogos distintamente joaninos.

¹ Raymond Brown (2004:494) acrescenta que essa fonte de discursos seria originalmente em formato aramaico poético, contendo os sermões de um revelador vindo do céu e que foram traduzidos para o grego e adaptados para servir como discursos do Jesus joanino.

Por conseguinte, desenvolvendo esses argumentos, C. H. Dodd assinalou (2003, p. 379) que o Quarto Evangelho podia ser dividido em três partes: (a) o Proêmio; (b) o Livro dos Sinais; e (c) O Livro da Paixão. Conforme sua perspectiva, o *Livro da Paixão* está compreendido entre os capítulos 13 a 20 “ou até 21 se incluirmos o apêndice”. Os capítulos anteriores, portanto, formariam outro livro chamado de *Livro dos Sinais* cujo início seria o capítulo 2.

Ainda conforme Dodd (2003, p. 380), o Livro dos Sinais aparenta estar dividido em sete episódios, cada qual consistindo de uma ou mais narrações de atos significativos de Jesus, acompanhados por um ou mais discursos, cujo objetivo seria elucidar o significado das narrações.

Convém frisar o caráter hipotético dessas noções, muito embora Smith (1976, p. 233) diga que os indícios acima listados, quando vistos em conjunto com a probabilidade de que a tradição de milagres joanina é independente dos Sinóticos e, com base em evidências exegéticas, de que ela originalmente existia como uma relação escrita de milagres, “compreensivelmente persuade a muitos da existência de uma fonte de milagres ou *Semeia* de considerável tamanho e escopo.”

Com efeito, há vários argumentos e vários pesquisadores que assinalam a alta probabilidade de o autor do Quarto Evangelho ter tido à sua disposição uma lista de milagres conectados entre si. John D. Crossan (1994, p. 348-349) declara-se convencido disso porque as tradições de Marcos e João apresentam os milagres a seguir na mesma ordem:

Doença e pecado	Marcos 2:1-12	João 5:1-18
Pão e peixe	Marcos 6:33-34	João 6:1-15
Andando sobre a água	Marcos 6:45-52	João 6:16-21
Cura de um cego	Marcos 8:2-26	João 9:1-7
Ressurreição de um morto	Marcos Secreto	João 11:1-57

É evidente que a repetição da sequência acima poderia ser fruto de uma mera coincidência², mas boa parte dos pesquisadores prefere pensar que ela é o único indício que possuímos de que antes da escrita dos evangelhos havia coleções de milagres. Ademais, nada impede que outras coleções de histórias de milagres

² Köester (2005, p. 201) trabalha com a mesma sequência de Crossan, mas com pequenas alterações. Para ele, a fonte dos Sinais era composta de Jo 2:1-11; 4:46-54; 5:1-9; 6:1-21; 9:1-7 e 11:1-44, com sua conclusão preservada em 20:30-31.

existissem além dessa, mas com base nos textos existentes e disponíveis o máximo que se pode afirmar, e com muita cautela, é que os autores de Marcos e de João consultaram cópias de uma lista de milagres atribuídos a Jesus.

Não se observa um consenso sobre o cenário histórico em que essa fonte originalmente foi desenvolvida. Helmut Köester defende (2005, p. 201) que a lista de milagres enquadrava-se como uma peça de “propaganda helenística em que Jesus é exaltado como homem divino”. No entanto, ele continua, à medida que a linguagem remete a um ambiente aramaico, as “histórias devem ter sido desenvolvidas nas atividades missionárias entre judeus e gentios de língua aramaica”. R. T. Fortna (*apud* SMITH 1976, p. 234) concluiu que uma Fonte de Narrativas (a Fonte de Sinais acrescida da Fonte da Paixão) originou-se e era usada no contexto da missão cristã nas sinagogas e em decorrência das controvérsias que ali eclodiam. Após a monografia de Fortna, W. Nicol lançou uma monografia³ em que buscou demonstrar que a Fonte de Semeia nasceu dentro de uma comunidade de caráter predominantemente judaico e que não mostrava nenhum traço de proximidade com o pensamento helenístico.

Fonte ou Livro da Paixão. Sobre a origem dessa fonte, não parece haver um consenso. Köester (2005, p. 199), por exemplo, não trabalha com a noção de um livro à parte, mas sinaliza que as comunidades joaninas “tiveram de entrar em sintonia com outras igrejas da Síria e suas tradições”. Em função disso, acolheram uma Narrativa da Paixão concordante – em seu esquema essencial e em muitos detalhes – com o relato da Paixão usado pelo Evangelho de Marcos.

Pensamento relativamente semelhante encontra-se nas obras de John D. Crossan (1995, p. 36) que postula uma crescente pressão sofrida pela comunidade joanina “tanto da tradição dos evangelhos sinóticos como da autoridade de Pedro em suas cercanias”, que levou o autor do Quarto Evangelho a retrabalhar a Narrativa da Paixão tal como encontrada no primeiro evangelho canônico, o de Marcos.

Fonte de Discursos. A terceira fonte utilizada pelo autor de João na composição de seu Evangelho, de acordo com o modelo proposto por Bultmann, foi a que maior número de críticas recebeu em função de suas implicações. Como sua pesquisa se deu antes das notáveis descobertas de Nag Hammadi, o teólogo alemão procurou paralelos em textos como o sírio *Odes de Salomão* e em escritos

³ A monografia tem como título “The Semeia in the Fourth Gospel: Tradition and Redaction”.

mandeístas. Diversos exegetas – entre eles, o decano dos estudos neotestamentários Raymond Brown – contestaram as similaridades alegadas à proporção que esses textos são datados de um período posterior ao escrito de João.

Entretanto, os livros encontrados nas cavernas próximas a Nag Hammadi ensejaram o acesso a muitos escritos que, na opinião de Köester (2005, p. 195), auxiliam a reconstrução da evolução dos discursos do Jesus joanino. Implica dizer, os *insights* de Bultmann podiam ter mirado nos textos errados, mas apontavam o caminho para a investigação histórica das fontes primárias de João.

Por conseguinte, vários estudiosos compararam o Evangelho de Tomé e outros livros da coleção de Nag Hammadi com os discursos de Jesus presentes no Quarto Evangelho e se depararam com similaridades impressionantes, postulando, por essa razão, a existência de uma tradição de discursos de Jesus e que seria o pano de fundo para as seguintes passagens:

Jo 7:33-34

Disse, então, Jesus: “Por pouco tempo estou convosco e parto para aquele que me enviou. Procurar-me-eis e não me encontrareis; e para onde vou não podereis ir”.

Jo 11:9-10

Respondeu Jesus: “Não são doze as horas do dia? Se alguém caminha durante o dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas se alguém caminha à noite, tropeça, porque a luz não está nele”.

Jo 8:12

Jesus continuou dizendo: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida”.

To 38

Jesus disse: “Com frequência vocês desejam ouvir estas palavras que pronuncio para vocês, e não têm ninguém mais de quem ouvi-las. Haverá dias em que me procurarão e não me encontrarão”.

To 24b

Ele lhe disse: “Quem quer que tenha ouvidos deve ouvir. Há luz dentro de uma pessoa de luz, e a luz brilha sobre o mundo. Se não brilha, faz-se treva”.

To 77

Jesus disse: “Sou a luz que está sobre todas as coisas. Sou tudo: de mim saiu tudo e a mim tudo chegou”.

Jo 8:52

[Respondeu Jesus:] “Se alguém guardar a minha palavra já mais verá a morte”.

To 1

E ele disse: “Quem quer que descubra a interpretação destas sentenças não provará a morte”.

Em vez de considerar alguma espécie de relação literária entre João e os livros encontrados em Nag Hammadi, os especialistas especulam acerca da existência de uma fonte em comum composta de ditos de Jesus cujo caráter fundamental seria a de não ser gnóstica, mas que o autor do Quarto Evangelho teria utilizado e expandido consoante suas tendências teológicas e soteriológicas. Nesse sentido, o direcionamento dado por João aos ditos dessa fonte em comum teve como objetivo contrariar a interpretação gnóstica como pode ser observado em Tomé.

III. Consoante as evidências bem demonstradas que os autores dos evangelhos canônicos não viam nenhum impedimento em copiar de fontes primárias ou secundárias, logo apareceram suposições acerca de que tipo de relação poderia haver entre o Quarto Evangelho e os Sinóticos. Por conta das marcantes diferenças entre eles, diferentes pesquisadores, no início do século XX, propuseram que a intenção de “João” teria sido a de substituir, corrigir ou interpretar aqueles evangelhos.

Implica dizer, havia a percepção de que o autor do Quarto Evangelho de alguma forma conhecia os Sinóticos. P. Gardner-Smith, em 1938, escreveu uma importante monografia e defendeu que, após uma análise detalhada das semelhanças e divergências entre aqueles escritos cristãos, não havia razões fortes o bastante para acreditar que João teria usado os Sinóticos para a composição de seu trabalho. Seu trabalho influenciou vários pesquisadores e, na década de 60, tornou-se a ideia geral compartilhada pelos pesquisadores eruditos. Ou seja, era de bom tom minimizar, ou mesmo negar, que João havia se apoiado nos Sinóticos.

Contudo, nessa mesma década de 60, Edwin Freed conseguiu publicar um artigo seu no prestigioso *Journal of Biblical Literature* sustentando a opinião (1961, p. 329) que as citações do Antigo Testamento por João no relato da entrada de Jesus em Jerusalém (Jo 12:12ss) “revelavam alguns *insights* interessantes sobre o

método de João no uso do material sinótico.” Seu texto ensejou algumas reavaliações das posições até então mantidas e antigas discussões voltaram à tona.

Por conseguinte, em artigos que se tornaram referência nos debates sobre as relações entre João e os Sinóticos, D. Moody Smith Jr., discutindo a entrada de Jesus em Jerusalém, procurou estabelecer critérios que todos pudessem concordar e, dessa maneira, solucionar o enigma. “Em qualquer comparação entre as perícopes paralelas em todos os quatro evangelhos”, ele sugere (1963, p. 60), fica, *a priori*, claro que: “(1) o relato joanino trata dos mesmos eventos que os outros e (2) o relato joanino não é uma variante dos relatos sinóticos da maneira como, por exemplo, o relato de Mateus é uma variante do relato de Marcos.”

Avaliadas em paralelo, as versões – de João e dos Sinóticos – enxergam a entrada triunfal de Jesus como um evento que cumpre uma profecia do Antigo Testamento. Além disso, a citação do Salmo 118 aparece nos Sinóticos e em João e a citação de Zacarias 9, em Mateus e em João. No entanto, enquanto o autor de João coloca o incidente inteiro imediatamente após a unção de Jesus, Mateus e Marcos situam a unção depois da entrada e Lucas, por sua vez, posiciona a unção em um contexto cronológico inteiramente diferente. Em outro momento da entrada:

Jo 12:12

No dia seguinte, a grande multidão que viera para a festa, sabendo que Jesus vinha a Jerusalém, tomou ramos de palmeira e saiu ao seu encontro, (...).

Mc 11:8

Muitos estenderam suas vestes pelo caminho, outros puseram ramos que haviam apanhado nos campos.

Observam-se nas duas passagens diferenças fundamentais: a narrativa do Quarto Evangelho assinala claramente que a multidão foi ao encontro de Jesus, enquanto a tradição de Marcos deixa subentendido que as pessoas cruzaram com Jesus pelo caminho. Com efeito, analisando outros contrastes nos relatos evangélicos em exame, Smith busca refutar as conclusões de Freed e reafirmar a independência de João em relação aos Sinóticos.

Em sua perspectiva, os paralelos, invocados como evidência de dependência literária, são tão vagos e difusos que é inexplicável como os pesquisadores possam ainda considerar que João tinha à sua disposição uma ou mais cópias dos Sinóticos.

Em sua conclusão, ele considera provável que o autor do Quarto Evangelho tivera acesso a uma tradição em um estágio pré-sinótico ou, muito mais provavelmente, que ele conhecia e empregou uma variante da tradição.

Fomentando ainda mais os debates sobre as relações literárias e históricas entre João e os Sinóticos, surgiu, nos fim dos anos 90, uma publicação que recebeu uma torrente de refutações no meio acadêmico. Organizada por Richard Bauckham, a obra propunha como uma de suas ideias mais fundamentais que os quatro evangelhos canônicos haviam sido escritos, ao contrário do que até então era postulado, não para comunidades cristãs locais e distintivas, mas para circulação geral e, por conseguinte, para todos os cristãos⁴. Com efeito, Bauchkam argumentava (1998, p. 149), em sua contribuição ao volume, que o Quarto Evangelho mostra evidências de adaptações a leitores já familiarizados com o Evangelho de Marcos e nem tanto com tradições joaninas, permitindo-lhe concluir que “João foi escrito, não para a ‘comunidade joanina’, mas para circular entre as igrejas”.

Com efeito, Bauchkam ataca a noção de que independência e a singularidade das tradições do Quarto Evangelho implicavam o isolamento da comunidade por trás desse evangelho do restante do movimento cristão. Negando, em parte, os resultados do método de análise conhecido por *crítica das fontes*, Bauchkam desenvolveu sua hipótese a partir da perspectiva da *audiência subentendida* (ou suposta). Assim, de acordo com seu ponto de vista, a leitura mais atenta do Evangelho de João mostraria que ele, ao ser escrito, tinha em mente leitores de Marcos, mesmo que não excluindo outro, e que também não apresentaria evidências do mesmo teor de que fora pensado para leitores com conhecimento de tradições evangélicas especificamente joaninas. De certa forma, provando-se correta, a hipótese de Bauchkam abriria espaço para a retomada de uma antiga discussão acerca das intenções de João de escrever seu Evangelho para substituir ou suplementar o de Marcos.

Com esse propósito, Bauchkam chama a atenção para os muitos parênteses que são característicos do Quarto Evangelho e assinala que, apesar da aparente casualidade deles, estariam no texto com o objetivo de *permitir a um leitor de Marcos relacionar (ou conectar) a narrativa joanina com a marcana*. O primeiro

⁴ BAUCKHAM, R. (ed.). *The Gospels for All Christians: Rethinking the Gospel Audiences*. Edinburgh: T&T Clark, 1998.

desses parênteses seria o comentário de João em 3:24 no qual o leitor/ouvinte fica informado de que “João (o Batista) ainda não fora encarcerado”.

À medida que o leitor/ouvinte do Quarto Evangelho apreende esse dado de relance, sem maiores implicações para a trama que se desenvolve, Bauchkam acredita que o autor de João inseriu 3:24 para fazer uma ponte entre a sequência cronológica de João com a de Marcos colocando os eventos de Jo 1:19-4:43 entre Mc 1:13 e 1:14, ou seja, o momento em que o ministério público de Jesus na Galileia tem seu início.

Como North observa (2003, p. 452), é difícil negar, embora não haja evidências, a altíssima probabilidade de que na época em que o Quarto Evangelho alcançava sua versão final o Evangelho de Marcos não tivesse uma ampla circulação entre as comunidades cristãs e, por conseguinte, recusar inteiramente as chances de que ele fosse conhecido pelo autor e/ou a comunidade do Quarto Evangelho. Implica dizer, mesmo que não se esteja completamente convencido acerca da função de Jo 3:24 – como advoga Bauchkam – não há como rejeitar as premissas sugeridas pelo pesquisador. No entanto, o ponto frágil de sua hipótese consiste em provar que o público-alvo de João conhecia o texto marcano, mas não conhecia as *tradições especificamente joaninas*. Para Bauchkam, a prova disso é fornecida pelo segundo parênteses da narrativa joanina, ou seja, Jo 11:2.

Tal como fez com Jo 3:24, Bauchkam se esforça para demonstrar que Jo 11:2 era parte integral da passagem e não uma glosa acrescentada posteriormente por um escriba. Observemos a passagem na íntegra:

Havia um doente, Lázaro, de Betânia, cidade de Maria e de sua irmã Marta. Maria era aquela que ungira o Senhor com bálsamo e lhe enxugara os pés com seus cabelos. Seu irmão Lázaro se achava doente.

Sua defesa da originalidade de 11:2 toma como apoio outras passagens joaninas em que o recurso a parênteses se repete com extrema semelhança. Assim, Bauchkam encontra paralelos entre 11:2 e 18:13-14:

Jo 11:1-2

1. Havia um doente, Lázaro, de Betânia, cidade de Maria e de sua irmã Marta.

Jo 18:13-14

13. Conduziram-no primeiro a Anás, que era sogro de Caifás, o Sumo

2. Maria era aquela que ungira o Senhor com bálsamo e lhe enxugara os pés com seus cabelos.

Sacerdote daquele ano.

14. Caifás fora o que aconselhara aos judeus: “É melhor que um só homem morra pelo povo”.

Colocadas lado a lado, as duas passagens mostram uma afinidade óbvia e impressionante. Assim, os segundos versículos são continuações do argumento dos primeiros de acordo com os seguintes elementos: (a) personagem A é introduzido na narrativa joanina (Lázaro e Anás); (b) personagem A é relacionado – literalmente – ao personagem B (Lázaro é irmão de Maria; Anás é sogro de Caifás); e (c) duas informações são dadas sobre o personagem B, em que a segunda é dada com mais detalhes (Maria ungiu Jesus; Caifás aconselhou os Judeus). Por conseguinte, a comparação minuciosa das passagens deixa poucas dúvidas de que ambos os versículos seriam originais do Quarto Evangelho⁵.

Demonstrada a originalidade de Jo 11:2, Bauchkam considera que o versículo refere-se a um evento que ainda será narrado no Evangelho (Jo 12:1-8). Com efeito, ele assinala (1998, p. 163), “enquanto uma explicação da identidade de um personagem que ainda não faz parte da narrativa, Jo 11:2 é um caso único em todo o Evangelho.”

Em seguida, o pesquisador frisa que, entre os três personagens apresentados em Jo 11:1, apenas Maria tem sua identidade explicada no versículo seguinte. Nesse sentido, Jo 11:2 não poderia ter como alvo os membros da comunidade joanina. Os motivos? O público leitor/ouvinte do Quarto Evangelho já tinha conhecimento de quem era Maria, pois estavam familiarizados com a história narrada em Jo 12:1-8 desde a sua transmissão oral antes de sua inclusão no Evangelho.

O ponto seguinte, utilizado por Bauchkam para corroborar sua hipótese, é que Jo 11:1-2 se presta às seguintes funções narrativas: (a) os versículos introduzem Lázaro, Martha e Maria na narrativa joanina, identificando Maria como a mulher que ungiu Jesus em uma história já conhecida pelos leitores/ouvintes e apontando os outros como seus parentes; (b) eles distinguem a Betânia onde a família reside da Betânia “do outro lado do Jordão” (Jo 1:28; Jo 10:40). Por consequência, o pesquisador assevera, essas duas funções pressupõem uma informação de que os

⁵ Não é do nosso conhecimento se existem pesquisadores que aventam a possibilidade de que um editor tenha observado o estilo do autor do Quarto Evangelho e haja reproduzido-o com fidelidade. Ademais, como determinar qual é a passagem original e qual é uma imitação do estilo?

leitores/ouvintes de Marcos já possuem, isto é, elas presumem conhecimento de uma mulher que ungiu Jesus na Betânia que fica próxima a Jerusalém.

O último ponto levantado por Bauchkam em sua defesa do conhecimento de Marcos por parte do autor do Quarto Evangelho consiste nas diferenças entre Jo 11:2 e Jo 12:3 e como cada um desses textos compara-se a Mc 14:3:

Jo 11:2	Jo 12:3	Mc 14:3
Maria era aquela que ungira o Senhor com bálsamo e lhe enxugara os pés com seus cabelos.	Então Maria, tendo tomado uma libra de um perfume de puro nardo, muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos; e a casa inteira ficou cheia do perfume do bálsamo.	Em Betânia, quando Jesus estava à mesa em casa de Simão, o leproso, veio a ele uma mulher, trazendo um frasco de alabastro cheio de perfume de nardo puro, caríssimo, e, quebrando o frasco, derramou-o sobre a cabeça dele.

Ele observa que a descrição de Maria ungindo Jesus em Jo 11:2 naturalmente ecoa a própria versão do Quarto Evangelho da história em Jo 12:3 e não a versão marcana, que se ressentia da falta de menção ao ato de “enxugar os pés de Jesus como seu cabelo”. Contudo, Bauchkam igualmente nota que Jo 11:2, ao colocar que a unção foi feita no “Senhor”, em vez de “nos pés de Jesus” (Jo 12:3) ou “sua cabeça” (Mc 14:3), permite um pouco mais facilmente a identificação com a versão marcana do que com a própria história joanina.

No entanto, a comparação entre as três versões, em vez de destacar que Jo 11:2 foi inserido no texto para leitores/ouvintes familiarizados com a narrativa marcana, revela, antes, que o ponto em comum se encontra na descrição do “perfume de nardo, muito caro” que está, como se pode ver, em Jo 12:3 e Mc 14:3.

Nesse sentido, fica muito difícil manter a hipótese de que quando o autor de João compôs 11:2, cujas palavras realmente passam ao largo do detalhe acerca do valor do perfume – um detalhe que seria crucial para uma identificação com a narrativa marcana –, tinha em vista um leitor/ouvinte do Evangelho de Marcos. De fato, e isso Bauchkam não notou, pode-se suspeitar que os leitores/ouvintes de

Marcos ficariam embaraçados pelo estranho detalhe em 11:2 ao descobrirem que a mulher chamada Maria não somente *não ungiu a cabeça do Senhor*, mas também usou seus cabelos para enxugar seus pés.

Pelos contra-argumentos expostos, pode-se afirmar que a hipótese de Bauchkam, fundamentada em sua interpretação de Jo 11:2, sofre de imprecisões terminológicas, suposições mal argumentadas e falha grosseiramente ao tomar seriamente a autenticidade de um versículo ao interpretá-lo em paralelo a outros do mesmo tipo escritos pelo autor do Quarto Evangelho.

IV. As epígrafes deste trabalho tinham como propósito alertar quanto às incertezas que permeiam os estudos acadêmicos acerca da relação entre o Quarto Evangelho e os Sinóticos e, ao mesmo tempo, chamar a atenção para as novas possibilidades descortinadas com as impressionantes descobertas de Nag Hammadi. Pelo que se viu, não se pode falar num consenso amplo, pois ainda é um tema espinhoso discutir as relações literárias e históricas entre os quatro evangelhos canônicos.

Convém ressaltar, no entanto, que todos os estudos, embora debatendo sobre quais fontes o autor de João teve acesso, concordam que, ao contrário do que insistentemente sustenta Richard Bauchkam, o Quarto Evangelho não pode ser obra de uma testemunha ocular.

Ainda é preciso analisar com extremo cuidado a literatura cristã gnóstica e estabelecer de que modo João com ela se relaciona. Seria o Quarto Evangelho de caráter gnóstico? Ou seria um evangelho que se afasta do conjunto de crenças gnósticas reinterpretando discursos atribuídos a Jesus por outro viés? Ao que tudo indica, muitas décadas serão necessárias para que um consenso possa ser atingido.

BIBLIOGRAFIA

BAUCKHAM, R. (2006). *Jesus and the eyewitnesses: the Gospels as eyewitness testimony*. Cambridge, UK: WM. B. Eerdmans Publishing Co.

_____. (2007). "Historiographical Characteristics of the Gospel of John". In: *New Testament Studies*. N. 53, pp. 17-36.

BROWN, R. E. (1983). *A comunidade do Discípulo Amado*. São Paulo: Paulinas.

_____. (2004). *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas.

CROSSAN, J. D. (1994). *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1995). *Quem matou Jesus? As raízes do antissemitismo na história evangélica da morte de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (2004). *O nascimento do Cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas.

DODD, C. H. (2003). *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Editora Teológica.

GAMBLE, H. Y. (1995). *Books and readers in the Early Church: a history of Early Christian texts*. London: Yale University Press.

KÖESTER, H. (2005). *Introdução ao Novo Testamento, volume 2: história e literatura do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus.

NORTH, W. E. S. (2003). "John for readers of Mark? A response to Richard Bauckham's proposal". In: *Journal of Studies in New Testament*, vol. 25, n.º 4, pp. 449-468.

SCHNELLE, U. (2004). *Introdução à exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola.

SMITH JR., D. M. (1963). "John 12:12ff. and the question of John's use of the Synoptics". In: *Journal of Biblical Literature*, vol. 82, n.º 1, pp. 58-64.

_____ (1976). "The Setting and Shape of a Johannine Narrative Source". In: *Journal of Biblical Literature*, vol. 95, n.º 2, pp. 231-241.

THEISSEN, G. e MERZ, A. (2002). *O Jesus Histórico. Um Manual*. São Paulo: Loyola.